

VOLUME 2

CONTEÚDO ERÓTICO

A P WILSON
**CONTOS
INDECENTES**

PARA GAROTAS CRESCIDAS

**CONTOS
INDECENTES
PARA GAROTAS
CRESCIDAS**

[BOX 2]

2ª Edição

A P Wilson

SUMÁRIO

Nota do autor

O gostoso da academia

Curtindo com a vizinha curiosa

Misterioso Perfil Fake

Delícia Tropical

Segredo entre Amigas

O ex-vizinho

Tentação no Sobrado

NOTA DO AUTOR

[+18] Esta não é uma coleção para garotas certinhas, pelo contrário, a coletânea *indecente* reúne contos de “fodas”, descrevendo em cada parágrafo atos e pensamentos sexuais de forma livre sem ater-se a regras morais. Não espere por uma linguagem maquiada ou por enredos ditos politicamente corretos. Neste livro o leitor encontrará fantasias socialmente condenadas, além de escrita em linguagem por vezes vulgar. **Se não se sente preparada para expor a mente a este tipo de conteúdo, sinto muito, esta obra não é para você.**

O GOSTOSO DA ACADEMIA

PARTE UM

Eu tinha uma razão específica para ir todas as noites à academia com o meu pai. Ele era policial militar e por isso, exercícios físicos eram fundamentais em sua rotina. Para ele não havia tempo ruim, fizesse frio ou calor, lá estava, malhando o corpo cheio de contornos, enquanto eu mantinha-me à distância, sentada em um banco admirando seu colega de treino. Bruno era mais novo que meu pai, eles trabalhavam juntos no batalhão, por isso acabaram por fazer amizade e já há dois anos treinavam após o expediente. Desde a primeira vez em que troquei olhares com o rapaz senti algo completamente diferente por ele, e agora eu já não conseguia disfarçar o interesse cada vez mais acentuado.

E Bruno sabia disto, já que em certa festa da corporação tivemos um lance em um dos blocos escuros, tudo no sigilo. Talvez por isso ele ficasse ali, a provocar-me enquanto aquecia os músculos torneados.

Foi então que eles resolveram treinar as pernas em um exercício de pular cordas. Meu pai estava ao seu lado, e eles riam enquanto praticavam. E eu fiquei ali, no banco a fitar Bruno. Seu short azul estava frouxo, e mais frouxo a silhueta dentro dele, que pulava para cima e para baixo seguindo o ritmo em que se moviam. Eu sabia que o rapaz havia feito aquilo de propósito, vindo com uma cueca frouxa para o treino, pois nos dias anteriores nunca vi seu membro se movendo tanto enquanto pulava, o que me fazia questionar qual seria o motivo para tanta “liberdade”.

— Carla, pega água pra gente?

A voz do meu pai ecoou, e erguendo-me eu senti os olhos do PM me seguindo pelas costas. Então eu parei frente ao bebedouro, ali havia um largo espelho pelo qual pude observá-lo malhando lá atrás. Mordisquei os lábios enquanto a garrafinha enchia, e fantasiei a possibilidade de ficarmos outra vez. Respirei fundo, cheia de fetiches, e voltei a me ajeitar.

Tornei para onde estavam, os dois fizeram uma pausa e secando a testa, meu pai tomou sua garrafa e pôs-se a beber. Na hora que Bruno foi pegar a

dele, senti por uma fração de segundos que seus dedos roçaram os meus de propósito, e fitando seu olhar, eu disfarcei.

— Obrigado Carla. Você é muito gentil.

— De nada soldado. Se precisar de algo, é só pedir — Respondi fixando-o com a mesma intensidade.

— Pode ter certeza que peço sim — ele disse, e eu me peguei atizada com sua voz sugestiva.

Então eu dei de ombros e tornei ao banco. Por costume, me virei um momento para certificar-me de que Bruno ainda estava me olhando, e de fato, seus olhos mantinham-se em minha direção enquanto se ajeitava no novo equipamento.

Passaram-se alguns minutos, o exercício se encerrou, e com um aceno meu pai indicou estar indo para o vestiário. Minutos depois quando saíram sorridentes e com os cabelos molhados, reparei em como Bruno ficava bem com aquela regata que expunha a musculatura.

Meu pai retrucou:

— Vamos nessa?

Eu acenei positivamente e troquei olhares com o Bruno, observando-o ajeitar a mochila. Caminhamos juntos para o estacionamento, meu pai e ele à frente, e eu logo atrás, observando sua bunda perfeita delineada no tecido. Meu coração batia de forma acelerada, e quando chegamos à região mal iluminada, um dos colegas do meu pai alcançou-nos deixando seu veículo.

— Roger? Ei Roger, que bom que ainda está por aqui cara.

— Mauro? Qual o problema? — ele cumprimentou o homem que também trabalhava no batalhão. Desviando-me deles, resolvi por me acomodar no carro, e sentando no banco traseiro fiquei a ouvi-los dialogar sobre o carro deste amigo ter dado pane. — Uma carona? — meu pai retrucou olhando para Bruno, que ajeitando a mochila, abriu a porta, entrando a sentar-se ao meu lado.

Virei-me para ele.

— Bruno? O que houve? — questionei com um sorriso.

— O carro do Mauro quebrou e seu pai vai dar uma carona para ele, então, desta vez vou aqui atrás, com você.

Eu procurei agir naturalmente. Desde que começamos a frequentar aquela academia Bruno raramente vinha no banco traseiro, ele sempre acompanhava meu pai no carona.

Enquanto observávamos os dois ainda conversando, eu senti quando Bruno acariciou minha coxa com um leve sorriso. Fitei seu olhar sentindo um arrepio subir pela região. O PM tinha dedos largos.

— Você está bem?

— Eu? Ah, sim, apenas um pouco cansada. O dia foi puxado — eu umedeci os lábios, sentindo-me desajeitada com a mão dele ainda ali. Então meu pai deu a volta entrando no veículo, e disfarçando, Bruno afastou a mão ouvindo-o dar partida.

Nossa viagem começou. Para que o trajeto não ficasse num marasmo, meu pai colocava músicas sertanejas. Vez por outra perguntava algo para o Bruno, que se ajeitava entre os bancos para responder, mas na maior parte das vezes, o rapaz mantinha-se recostado ao meu lado, fazendo-me sentir o coração disparado enquanto sentia seu perfume.

O trajeto para nosso bairro era ladeado por prédios, e a má iluminação engolia a avenida. Eu ficava a observar o movimento enquanto recordava sua pegada na ala escura do batalhão, o beijo com gosto de cerveja, o toque macio minutos antes de o meu pai entrar no carro.

Foi então que eu pensei: o que aconteceria se eu resolvesse provocar Bruno ali? *Quero dizer*, e se eu o provocasse perto do meu pai? Como reagiria?

A adrenalina fazia meus lábios umedecerem, e como quem nada teme, resolvi tentar.

Agora, enquanto os três dialogavam, mantive o olhar na rua e discretamente aproximei minha mão de sua perna. Eu estava vacilante quando o toquei, e fingindo naturalidade deslizei os dedos por sobre sua coxa. Percebi que sob meu toque o PM fez um silêncio momentâneo, olhou para mim, mas nada falou.

Meu coração batia acelerado, eu não sabia o que aquilo significava, então continuei com a mão ali e um sorriso incontido, sentindo a maciez de sua pele. A coxa do Bruno estava quente, e para minha alegria ele voltara a conversar naturalmente com meu pai, como se quisesse testar até onde eu era capaz de chegar. Assim, após alguns minutos que pareceram eternos, tomei coragem de mover a mão um pouco mais, erguendo vagarosamente o tecido de seu short.

O rapaz nada falou e eu continuava a olhar para a conversa à frente, eles estavam sorridentes. Bruno vez por outra se ajeitava para ouvir melhor, momento de grande adrenalina para mim.

Foi então que enquanto meu pai falava sobre novas resoluções da corporação a nível federal, Bruno percebeu que eu havia travado, e senti quando trazendo sua mão para junto da minha, acariciou-a um minuto, e conduziu até o destino final. No escuro senti meu coração acelerar, e pude apreciá-lo colocando-a entre suas pernas. Imobilizando meus dedos, ele os pressionou ao redor do volume e deixou-me prosseguir por conta própria.

Eu estava trêmula. Bruno sorria enquanto conversava com Mauro, e eu tentava controlar meu nervosismo. Havíamos parado num sinal vermelho e para que não corrêssemos o risco de sermos pegos, discretamente ele puxou a mochila para sobre o colo.

Enquanto eu continuava a apertar seu relevo, percebi quando ele trouxe a mão novamente para junto da minha, e desta vez, erguendo o elástico, fez-me colocá-la por dentro de sua cueca. Eu quase tive um treco com a sensação da envergadura pulsando em minha mão, e estimulando-o discretamente, percebi Bruno recostar-se ao banco, deixando-me prosseguir sozinha.

Eu respirei fundo me recompondo, e à frente meu pai pisou no acelerador prosseguindo a viagem. Eu sorria do que falavam, com a respiração entrecortada enquanto estimulava a ereção do Bruno por debaixo da mochila. Ao poucos fui percebendo que entre risos e falas, a voz do rapaz foi ficando presa na garganta, ele se ajeitava de mau jeito com a sensação do latejar. Fiquei ali, estimulando o pau dele e parei somente quando meu pai se virou de supetão, questionando se topávamos passar em um bar antes de irmos para casa.

PARTE DOIS

Por pouco não fomos pegos. Não sei como consegui disfarçar no exato momento em que meu pai se virou, o fato é que agora caminhávamos para um bar, e eu ia atrás dos três, imaginando como seria tê-lo feito gozar na cueca. Bruno estava vermelho, e eu podia reparar na beleza que era aquele short colando em sua bunda e as pequenas sardas pelos ombros, então sentamos em uma mesa e logo meu pai chamou o garçom.

Eles pediram cervejas e petiscos. Quando as bebidas chegaram, todos se serviram e puseram-se a dialogar sorridentes. Eu fitava Bruno, e vez por outra ele retribuía, o que deixava meu interior desestabilizado. Enquanto comíamos,

eu observava meu pai e Mauro dialogando sobre o jogo que começara a alguns minutos, e Bruno participava, colocando os petiscos de forma sugestiva nos lábios. Eu perguntava-me se alguém ali reparava em como ele estava agindo, e olhando para meu pai, notei que o sargento estava mais interessado no jogo que na cara safada que o soldado fazia para a filha.

Foi então que tomando outro gole de cerveja Bruno se levantou.

— Bruno, onde você vai?

— Estou esperando uma ligação importante e acabei de me lembrar que deixei o celular na mochila — ele explicou conferindo os arredores, e eu o fitei um instante — Você me empresta as chaves Roger? Volto em dois tempos.

Meu pai tateou os bolsos e entregou-as a ele. Bruno se virou para mim.

— Você quer vir comigo Carla? Prometo não enrolarmos.

Estava ventando quando deixamos o bar e seguimos para o estacionamento. O espaço ficava aos fundos do estabelecimento e era mal iluminado. Ajeitando o short Bruno ia à frente, e quando chegamos ao veículo, percebi que ele conferia os arredores. Pensei em romper o hiato, mas destravando a porta, foi Bruno a retrucar:

— Carla, acho que o celular está solto perto da mochila — fez uma pausa, e olhou para mim com um sorrisinho sacana — Você não quer procurá-lo para mim?

— Eu? — retribuí ao sorriso, conferindo que estávamos sozinhos e em uma região não movimentada. Então, compreendendo o que ele pretendia, gesticulei positivamente passando à sua frente. — Pode ser.

Abrindo a porta eu me ajoelhei no banco traseiro e deslizei desajeitadamente para dentro do veículo, permitindo somente minha bunda ficar para fora. Bruno mordiscou os lábios com a cena, eu de quatro para ele.

— Isso. Vê se não está no bolso externo — ele respirou fundo e olhou novamente para a entrada do estacionamento, em seguida chegou para mais próximo e eu me arrepiei com seu toque. — É lá onde eu o coloco.

— No bolso externo? — revirei os olhos com a sensação do PM aproximando-se da minha bunda, então sorri empinando um pouco mais, sentindo suas mãos acariciando minhas coxas — Tem certeza?

— Sim, ou no bolso menor.

Houve um momento de silêncio, enquanto empinada a remexer sua mochila, eu sentia Bruno roçar aquele volume quente contra mim. Trêmula,

nada dizia, apenas o deixava roçar enquanto sentia suas mãos largas passearem por minhas coxas.

Foi quando o rapaz procurou a voz:

— E então Carla, encontrou?

— Eu acho que não — sorri — Talvez esteja na parte interna, não?

Eu sorri, e os olhos do amigo do meu pai fixaram a entrada do estacionamento. Levando as mãos para trás, eu deslizei minha calcinha pelas pernas, e então o senti tocar minha intimidade. Ofeguei.

— *Bruno?*

— *Oi?* — ele sorriu encontrando meu ponto prazeroso.

— *Eu... acho melhor você procurar. Não deveríamos enrolar aqui, lembra?*

— *Puxa. Mas você está com tanta pressa assim?* — ele mordiscou os lábios e senti quando o dedo deslizou alguns centímetros para dentro da cavidade. Fiquei completamente arrepiada.

— *Eu... Oh...* — me retorci com sua massagem, ele tinha dedos divinos.

Bruno me observava deliciado. Seus dedos me estimulando era arrebatador, eu estava ficando completamente molhada. Então ele enfiou a mão livre dentro do short, e percebi a ereção ser posta ao relento. Com o vento frio a beijar nossa pele, ele passou a massagear a silhueta, e eu revirei os olhos quando a aproximou de mim.

— *Bruno?*

— *Relaxa. Vou colocar só na potinha.*

Agora no lugar dos dedos largos, o PM posicionava a cabeça do pau inchado. Deslizando-a por meu ponto prazeroso, aos poucos fui sentindo-me completamente umedecida, e logo o membro deslizou encaixando alguns centímetros. Revirei os olhos.

An.

Meu coração batia acelerado. A cabeça o pau do PM era grande e latejava em minha divisão. Eu podia sentir seu pré-goço escorrendo por ela, e minha cavidade pedia por mais alguns centímetros. Bruno sentiu minhas mãos tateando-o, esboçou um sorriso quando comecei a puxá-lo um pouco mais para mim, e atendendo ao meu pedido, forçou os quadris e eu fui ao céu.

No estacionamento o vento zumbia balançando as árvores. Eu podia sentir os centímetros do PM encontrando o caminho, e minha lubrificação o envolvia sedenta. Eu estava entorpecida por aquela fantasia perigosa, e quando ele começou a mover, foi impossível não gemer ajeitando-me melhor. Bruno

ficou por trás alguns minutos, com a camiseta erguida até o peitoral, enquanto conferia os arredores e movia os quadris, mas então, um casal surgiu ao longe e ele tirou de uma vez, subindo a bermuda. Eu senti o choque do membro saindo quando ele o puxou, e abrindo os olhos, me assustei ao perceber o casal se aproximando. Mesmo entorpecida e completamente molhada, entrei no carro e ele me acompanhou.

Ficamos em silêncio, imersos no escuro. Agora o casal se aproximava do veículo no outro lado do estacionamento. Eles surgiram de algum lugar na avenida, e com uma criança de colo, discutiam fervorosamente. O homem destravou o alarme e a mulher deu a volta colocando a criança na cadeirinha, então, fechando a porta, seguiu para o carona. Enquanto ainda colocavam o cinto de segurança, senti a mão de Bruno outra vez procurando por minha coxa, sentindo a umidade, e percebendo o homem dar partida ele voltou a me olhar. Eu sorri com sua mão acariciando minha pele e trocamos olhares.

— Quase fomos pegos — esboçou um sorriso e procurou por minha boca, dando-me um leve beijo.

— Isso deixa tudo mais gostoso, não acha?

— Seu pai já deve ter dado por nossa falta — dizia tocando meu ponto prazeroso.

— Vamos torcer para que não.

— Como assim?

Umedeci os lábios e conferi os arredores. Estávamos sozinhos, e içando o corpo para sobre o dele, procurei por seus lábios outra vez. Ele gemeu.

— Carla? Sua maluca — sorriu.

— O que houve? Não quer continuar?

— Temos que ser rápidos.

— Isso depende de você.

O pau do Bruno latejava molhado. Eu o sentia babar entre minhas pernas enquanto ajeitava minha saia. Estava quente, suas bolas eram quentes e tinha pentelhos aparados. *Céus, que delícia de membro.* Ele gemia sentindo-me deslizar sua ereção por meu ponto prazeroso, e conforme eu o estimulava, ele ofegava.

Foi então que tentei encaixar e ele me interrompeu.

— Espera.

— O que houve? Ouviu algo? — olhei para a entrada do estacionamento.

— Não é isso — ele sorriu, puxando a mochila.

— E então? Por que parou?

Eu o observei abrir um zíper. Ele remexeu os bolsos e pegou o pacotinho serrilhado. *Céus, como pode ser tão maluca?* Eu estava tão sedenta que não tinha caído na real de que Bruno estava sem camisinha.

Agora, enquanto ele se protegia, eu acariciava meu caminho. Quando deu sinal verde para prosseguirmos, tomei seu volume e vagorosamente fui conduzindo para o meu interior. Meu canal comprimia a extensão deliciosamente, era alucinante sentir cada veia abrindo passagem. Ofeguei.

— Calma. Devagar

— Okay.

— Isso, *own*.

Mordisquei os lábios e revirei os olhos quando o PM estava completamente dentro de mim. Seu membro pulsava loucamente, minha cavidade umedecia um pouco mais, e quando senti-me acostumada com a silhueta, inclinei ao seu pescoço e comecei a mover lentamente.

— Isso, rebola safada, rebola delícia.

— Deste jeito? — eu o provocava, embriagada com seu perfume.

— Sim, assim, *own*. Assim. — ele ofegava segurando-me pelas coxas, ajeitando-me no vai e vem. Seu pau estava completamente molhado, e eu tremia com as pernas abertas sobre o colo dele — Eu gozo rápido — disse por fim, procurando meu nariz — Não ria de mim.

Bruno começou a me beijar e ficou sentindo-me mover cada vez mais rapidamente em seu membro. Em seu colo, eu quicava percebendo-o perder o fôlego e morder os lábios. Ele mantinha os olhos fixos à entrada do estacionamento, estávamos nervosos com a possibilidade de sermos pegos, mas não iríamos parar até eu poder sentir o leite quente daquele safado.

Ele deu um tapa em minha bunda

— *Putinha*.

— *Como?*

— *Você é uma putinha safada.*

Eu sorri.

— *Sim, só quando quero.*

Bruno sorriu e engoliu em seco, levantando minha blusa. Eu o auxiliiei com o sutiã, coloquei meu mamilo em sua boca e o deixei sugar enquanto movia em sua intimidade.

— Isso safada. Quica gostoso, quica.

Fez silêncio, e como pedido continuei a mover. Estava delicioso estimular aquele pau cabeçudo enquanto ele chupava meus seios. O frio da noite ficara lá fora, e dentro do carro havia calor e cheiro de foda.

Céus, que delícia, que delícia.

Bruno ofegava, estava com a virilha toda molhada e o peitoral agitado. Quando afastou os lábios dos meus seios e começou a se retorcer, eu sabia o que aconteceria. Ofeguei.

— Tudo bem com você?

— Vou gozar Carla.

— Então goza safado, goza.

Autorizei com um sorriso, e percebendo Bruno revirar os olhos, o abracei pelo pescoço e forcei seu membro completamente para dentro de mim. Ofegante com suas mãos pressionando minhas coxas, eu fiquei parada sentindo o látex encher, e os jatos dele esporravam intensamente na camisinha. Ele ficou imóvel por um longo momento deixando os jatos saírem, e somente quando sorriu demonstrando-se satisfeito, é que me desencaixei deixando-o procurar algo para nos limparmos.

Ficamos no estacionamento um tempo mais a fim de perder o cheiro de sexo. Recostados ao carro, sentíamos o vento enquanto ele fumava um cigarro. Conversamos sobre o trabalho dele no batalhão, e quando enfim voltamos ao bar, meu pai estava tão bêbado que sequer questionara nossa demora. Naquela noite foi Bruno quem conduzira o carro até o outro lado da cidade, e depois desta loucura, várias outras aconteceram em locais mais apropriados.

CURTINDO COM A VIZINHA CURIOSA

Não era a primeira vez que acontecia, havia olhos postos sobre mim. No início pensei tratar-se de paranoia, mas após perceber o vulto movendo-se no escuro não havia como negar, alguém descia ali todas as noites para me espionar tomando banho. Aquela era a chácara da minha mãe, eu estava passando alguns dias para esfriar meus pensamentos, já que o casamento terminara e decidi por me afastar. Minha ex ficara para trás, em nosso apartamento na cidade, e eu vim ficar na chácara com meu filho, até decidir-me o que fazer em relação aos bens. Carlinhos era muito novo e por isso bastante apegado a mim. Diante de seu choro e insistência a mãe teve que ceder a seu desejo de me acompanhar, e assim revezava sua estadia três dias comigo, três dias com ela. Esta era minha rotina desde então.

Mesmo estressado mantive-me a trabalhar na cidade, voltando para a chácara durante a noite, onde fazia companhia a ele e minha mãe. Minha mãe era quem dava uma força com o pequeno, amando ter a companhia do neto durante o dia, já que desde a morte do meu pai morava sozinha, dedicando-se apenas às tarefas semanais de seu grupo de orações, para o qual acabava por levá-lo.

Mas bem, voltando à noite em questão, pressenti olhos postos sobre mim, despertando-me do meu cochilo na espreguiçadeira. A região da piscina estava imersa no escuro, era noite, e como ficava afastada do casarão, somente as luminárias sob a água clareavam o lugar. Sentando-me discretamente a ajeitar a toalha, passei os olhos pelos arredores, tentando descobrir de onde viera o ruído, mas nada foi identificado. Aquilo me deixou encucado, se havia mais alguém ali, quem seria? O que pretendia? Eu precisava descobrir.

Então armei um plano, iria subir ao casarão e fingir que por aquela noite meu descanso havia terminado, porém ao chegar lá desligaria as luzes e daria a volta por detrás dos arbustos e surpreenderia o engraçadinho.

Tomei minha toalha, joguei sobre o ombro e segui pelo caminho de pedras. Não olhei para trás, agi naturalmente como comumente fazia. Sentindo

a brisa soprar meu peitoral, deixei meu corpo entrar sob a luz da área, e agora que o campo de visão ficara impossibilitado, estava tudo pronto para colocar o plano em andamento.

Fui à cozinha e desliguei as luzes, lá embaixo apenas a claridade da lua refletia na piscina a tremeluzir. Abeirando a área, caminhei novamente para fora, e cautelosamente guiando-me pela cerca viva fui descendo o declive oculto pelas folhagens. Estava tudo okay, a voz dos vizinhos vinha do distante, e quando dei por mim alcancei a região da piscina e procurei a silhueta com os olhos, surpreendi-me ao encontrá-la próxima da água.

Eu havia pego o coelho, isto era satisfatório, e um sorriso amoldou-se em meus lábios. Ocultei-me na vegetação, em silêncio, observando o que estava fazendo, e aguardei atento à sua imobilidade. Tentei ver seu rosto, mas estava coberto pelo capuz do moletom, toda a figura vestia um moletom frouxo acinzentado.

Não me mexi, permaneci a observar. Então a figura finalmente ficou de pé e ajeitou as roupas, ela iria deixar a piscina e era minha hora de agir.

Ajeitando minha sunga fui caminhando por entre a folhagem, cuidadosamente, e quando cheguei ao ponto onde observei a diferença no gramado, não demorou e a silhueta estava imobilizada por minhas mãos. Ela se assustou.

— *Aha*, engraçadinho. Te peguei. — exclamei no momento que a toquei, e erguendo a cabeça abruptamente, os olhos da figura se arregalaram fixando-me. No fervor do momento quase a deixei escapar, mas colocando pressão em seus braços consegui imobilizar e puxei de volta ao local de onde saiu, acendendo as luzes da piscina com o controle remoto. — Desta vez você não me escapa — murmurei satisfeito — Afinal, quem é você e o que diabos faz toda noite nesta escuridão? Não te falaram que esta é uma propriedade alheia?

A silhueta nada respondia. Apenas respirava atônita, olhando para mim, e então para a mata de onde viera. Seu coração estava acelerado, tremia de nervosismo, e diante de sua nova tentativa de escapar precisei fazer maior pressão.

— Ei?! Calma aí. Você não respondeu minha pergunta.

A silhueta nada falou, olhando para o escuro apenas relutava aflita. Foi quando para sanar minha curiosidade empurrei seu capuz e vi sua face aparecer, com o vento a soprar seus cabelos longos, fazendo-me surpreender

com a fisionomia. A silhueta diante de mim era uma garota. Uma bela garota assustada. Engoli em seco.

— Você é uma... garota? — questionei fitando seu olhar, e a imagem fixou meus olhos tentando mover os lábios dos quais nada saía — Eu... De onde você saiu? O que faz aqui? — voltei a encará-la, afrouxando a pegada em seus braços — Não tem vergonha de invadir a chácara alheia?

Assim como eu, ela estava completamente nervosa, e ao soltar um de seus braços, eu a observei fazer gestos confusos ante a face.

— Como é? — gaguejei, colocando-me entre ela e o caminho para o qual desejava fugir — Você é muda?

Aquilo era completamente novo para mim. Sem nenhum ruído vocal, a garota apenas gesticulava com os dedos, encarando-me um momento mais, visivelmente assustada. Ela só podia ser moradora da chácara vizinha.

— Então você mora no terreno ao lado? O que faz aqui? — pronunciei apontando para a vegetação, e ela seguiu meus olhos gesticulando. Foi quando a voz de um homem ecoou vinda do outro lado da cerca, chamando por seu nome, e olhando para mim ela engoliu em seco. Eu umedeci os lábios.

— Quem é Carol? Você? — sussurrei e a figura gesticulou indicando positivamente. Eu fitei seu olhar e então à cerca. — Muito bem Carol, eu sou o César, e seja lá qual for o jogo termina agora, tudo bem? Eu não a quero novamente entrando no terreno. Não sei por que faz isso, mas não a quero perambulando outra vez por aqui.

Uma garota, e ainda por cima, uma garota muda. Eu estava bastante surpreso com tudo aquilo. Já imaginava que o curioso fosse da vizinhança, talvez um moleque bisbilhoteiro, mas ser pego por aquela descoberta fora inesperada. Sozinho no quarto perguntava-me o que ela poderia estar fazendo ali, atravessando os quintais sem ser convidada. Talvez tivesse algum problema mental, embora não aparentasse. Eu precisava descobrir mais sobre ela.

No dia seguinte decidi-me por voltar mais cedo do trabalho. Minha mãe iria para a igreja, por isso era imprescindível encontrá-la antes de sair. Ao chegar à chácara já estava escurecendo. Estacionando o carro, subi a escadaria desfazendo a gravata, e quando cheguei ao quarto, observei-a parada frente ao espelho colocando seus brincos. Meu filho estava brincando sobre a cama e ao me ver, imediatamente lançou-se em meus braços. Com um sorriso eu o ergui, beijando sua bochecha e apertando-o com força, perguntando como foi o dia.

Olhando para o espelho, percebi os olhos da minha mãe postos sobre mim, e sua voz ecoou virando-se:

— César? Chegou cedo?

Eu esbocei um sorriso e coloquei Carlinhos de lado, deixando-o ir buscar alguns brinquedos. Desfazendo os botões da gola, retruquei:

— Ah, sim. Eu estava cansado e resolvi cancelar algumas reuniões.

— Faz mais que certo meu filho. Você anda trabalhando demais — Ela murmurou beijando minha testa. Então, caminhando ao guarda-roupa eu observei pegar um casaco — Ando muito preocupada com você, sempre se desgastando neste escritório, até tarde. Indo e vindo desta distância diariamente. Isto vai prejudicar sua saúde César.

— Ora, claro que não mamãe, eu gosto do caminho até aqui. É bom para refletir.

— Não é isso que estou criticando, e sim o fato de colocar sua saúde em segundo plano — Ela virou-se trazendo um pente para pentear os cabelos do pequeno que voltara do corredor — Estou dizendo que está com olheiras profundas, e não vem comendo direito.

— Como sabe que não venho comendo direito?

— César? — ela resmungou — Eu sou sua mãe — Sorriu e chamou-me para fora — E agora me ouça, as reuniões de quarta-feira são mais enroladas, então não se preocupe. Quando chegarmos, eu mesma coloco Carlinhos na cama.

— Eu certamente estarei acordado. Tenho alguns trabalhos a concluir.

— Nada de trabalhos — ela respondeu repreensiva — Deixe o trabalho para amanhã e aproveite a quietude para dormir. Você precisa descansar.

— Mas mãe — ofeguei observando-a pegar a bolsa — Não me trate como uma criança.

— Bem que está parecendo uma.

— Tenho 35 anos.

— Mas age como Carlinhos, que só tem três.

Não aguentei a comparação e sorri, o pequeno fitando nossa discussão. Foi quando recordei-me do motivo para ter vindo mais cedo, de Carol e suas espionagens.

— Ontem a noite aconteceu algo estranho.

Ela ajeitava os cabelos do pequeno enquanto me ouvia falar, e virou-se curiosa com meu tom.

— Algo estranho? O que houve?

— Na piscina — fiz uma pausa — Bem, tinha uma garota perambulando pela região quando desci. Eu a surpreendi espiando.

— Uma garota? — retrucou colocando o pente de lado — Ah sim, fala de Carol Watson? — meneou a cabeça — Oh, não César, perdoe-me, eu me esqueci de dizer que nossa vizinha vez por outra aparece sem avisar. Ela me auxilia em algumas ocasiões, e embora nada fale, não é uma pessoa perigosa, apenas tímida.

— Tímida? Ela me pareceu foi muito atrevida. Atravessando os lotes sem se anunciar.

— Seria porque não consegue falar? — sorriu ajudando Carlinhos a colocar brinquedos dentro da mochila — Mas não precisa temê-la, não representa perigo. É a filha do vizinho. Faz alguns dias que não a vejo, até pensei que houvesse viajado para a casa da mãe.

— Eu não tive medo, é só uma... garota. — zombei coçando a nuca — Na verdade, fiquei curioso. Foi um susto descobrir que não estava sozinho.

— Carolina não é uma “garota”. É uma mulher feita. — meneou a cabeça — Ela me auxilia quando não tenho visitas.

— E a senhora não se importa com isso? *Digo*, uma estranha entrando e saindo do nosso quintal sem avisar? Não acha incômodo?

— Você não acabou de dizer que é só uma garota? — ela meneou a cabeça e respirou fundo — Não a veja com olhos julgadores. E, aliás, a piscina fica afastada do casarão, por muito tempo ninguém a utilizava, então, talvez ela nem soubesse que você estava lá.

Fiquei a ouvi-la falar, os olhos de Carlinhos em mim. Então dispersei meus pensamentos.

— A senhora tem razão, eu... acho que estou sendo ríspido demais.

— Você está mesmo — Sorriu — Mas agora dá ele aqui, precisamos partir ou chegaremos atrasados — ela retrucou entregando-me o excesso dos brinquedos que estava em sua mão, caminhando para a escadaria — Caso esteja com fome, tem comida na geladeira, e... se Carol o incomoda, não se preocupe, vou pedir que avise quando for vir me visitar.

— Como? — eu a interrompi quando se preparava para descer — Não, não mãe. Por favor, não faça isso. Meu questionamento foi apenas por curiosidade, se diz que é sua amiga, por que causar mal estar por uma bobagem?

— Tem certeza que é isto que quer? Se ela estiver deixando-o desconfortável...

— Não. Não está — respirei fundo, beijando sua testa — E talvez seja como falou. Talvez sequer soubesse que estávamos passando uns dias aqui.

— Como desejar. — sorriu ajeitando as roupas do pequeno, e eu os acompanhei até a garagem — E agora temos que ir, caso precise de algo, é só telefonar.

Fiquei no portão até ver o carro sumir, e acenando dei de costas e subi de volta ao quarto. Pretendia tomar um banho e jantar, porém ao retirar minhas roupas e olhar pela janela, fixei a região da piscina e vi o quão linda estava aquela noite. Tive em meus pensamentos um rápido vislumbre sobre a ocasião anterior, e olhando para além das árvores, para o local onde ficava os arbustos, pensei na vizinha misteriosa, em seu jeito silencioso e em tudo que minha mãe falara. Decidi voltar lá.

Havia uma brisa fresca sussurrando pelo terreno, e quando acendi as luzes observei as ondinhas tremulando e também a silhueta das espreguiçadeiras. Vi na escuridão alguns dos arbustos mais próximos, parte da cerca viva e um dos cachorros voltando ao canil. Fixando a região por um instante, conferi a quietude das folhagens, e só então mergulhei, recostando à margem onde permaneci em silêncio.

De olhos fechados eu pensava no divórcio em andamento, em Carlinhos, e na minha mãe. Fiquei quieto com meus pensamentos, imerso a refletir sobre o que fazer, como proceder. Foi então que o vento mudou de direção, e abrindo os olhos, tive a atenção roubada pelo ruído que se propagou entre as folhagens. Virei-me de supetão e ajeitei-me fixando o escuro. Nada se moveu. Nem coelho, nem gato, mas o vento cálido trazia cheiro de grama amassada.

Respirei fundo, eu só podia estar paranoico. Ela não voltaria ali.

— Carol? É você? — cerrei os olhos, tentando enxergar algo no breu. Todavia nada ocorreu, tudo continuou quieto, e apenas a brisa agitava as árvores. Eu umedeci os lábios. Fixei o escuro e para minha surpresa a silhueta surgiu outra vez. Eu me afastei alguns centímetros da borda. — O que faz aí? — ergui o peitoral, e observei sua feição. A água escorreu por minhas curvas, e ela fitou-me um instante. — Achei que havíamos esclarecido as coisas ontem à noite. Eu disse que me incomodava vizinhos entrarem na chácara sem permissão, o que houve? Por que voltou aqui? — Senti-me um idiota fixando

uma garota muda que nada respondia, e para minha surpresa a observei fazer um sinal.

— O que é isto? — ela estendia a mão, e sem pensar duas vezes atirou algo para mim. Pensei que fosse uma pedra, mas não, era menor, dourado e por pouco não caiu na água. Ao tomá-lo percebi que era o medalhão de batismo do Carlinhos. Ergui meus olhos fitando-a confuso. — Ei? Onde o conseguiu? — icei meu corpo e ela afastou-se vendo a água correndo por minhas curvas. — É do Carlinhos. Devia estar no pescoço dele e não aqui.

Fitei sua face e ela apontou para a região onde eu a flagrara na noite anterior, então compreendi. Carlinhos o havia deixado cair.

— Puts, como ele é descuidado. Carlinhos não deve tê-lo visto ficar para trás, e minha mãe... — ergui os olhos — Ei? Minha mãe sequer devia tê-lo deixado vir para cá, o que ela tem na cabeça? É uma região perigosa para crianças. — franzi o cenho e olhei para o casarão. Eu precisava ter uma conversa com minha mãe.

À minha frente a garota esboçou um sorriso em conformidade. Ajeitou a mecha de cabelos por sobre a orelha, e a baixa claridade revelava suas feições por sob o capuz.

Foi quando sorri.

— Bem, acho que devo desculpas — fiz uma pausa olhando para a vegetação — Ainda que isso não justifique entrar no lote sem se anunciar — sorri — Mas pelo visto, é como minha mãe disse, ninguém usa essa região. Não havia como você saber que eu estava na piscina. — Ela arqueou as sobrancelhas, e eu sorri caminhando até a espreguiçadeira — Bem, eu andei conversando com ela sobre você. Ela disse que mora na chácara ao lado — apontei para lá e fixei seu olhar misterioso. *Céus. Como Carol era uma incógnita.* — Então, talvez o intruso aqui sou eu, já que está na região a mais tempo — sorri caminhando de volta à água, e sem saber o que havia comigo, eu saltei. Com meu corpo sendo possuído pela piscina, senti minha barriga roçar a profundidade azulada, e então retornei a superfície. Ela permanecia parada a me observar.

Houve um momento de silêncio, de troca de olhares, então Carol sorriu sentando-se na espreguiçadeira. Eu a vi mover os dedos, indicando o casarão e então a piscina. Eu sequei o rosto.

— Perdão, eu... não compreendo — observei-a um instante mais, reparando outra vez no gesto das mãos. Ela sentia a brisa contra a face e

indicava o casarão, e então fazia gestos representando os moradores — Ah sim, minha mãe? — murmurei com um sorriso, reparando em seus traços cobertos pelo capuz. — *Abn.* Não. Ela está na igreja. Eles saem todos os dias ao anoitecer. O pequeno é o meu filho, o Carlinhos, mas... pelo visto você já o conheceu.

Ela ajustou os cabelos com um sorriso, olhou para a cerca viva e tornou a mim. Em silêncio ficamos quietos fixando um ao outro, ouvindo os ruídos da noite. Eu não sabia o que falar, vez por outra ela esboçava um sorriso, e então se levantou da espreguiçadeira. Senti um frio no baixo ventre.

— Ei, o que houve? Já vai? — questionei nadando para mais próximo. Ela apontou para a chácara vizinha — Não, fica um pouco mais, não há por que ter pressa — ela meneou a cabeça zombeteira, fez novos gestos, e então se despediu. Vi que havia acabado o assunto, então fiquei parado, vendo-a voltar à sua casa.

PARTE DOIS

Os dias foram passando, e eu me sentia cada vez mais cansado. Insone, levantava durante a madrugada e punha-me frente à janela que dava para a região da piscina. Recostado ali, a observar o breu, pensava no divórcio e inevitavelmente em Carol, que vez por outra aparecia pelo casarão. Duas semanas haviam se passado desde o primeiro contato, e na cabeça cheia de imagens, o sorriso misterioso dela acalorava meu coração.

Eu estava muito confuso com meus pensamentos, e por vezes percebendo que não adiantaria esforço para adormecer, seguia à cozinha, buscando por um comprimido na gaveta, e só após tomá-lo podia descansar. Foi quando chegou aquela sexta-feira. Lembro-me de ter levantado cedo, com o corpo preguiçoso devido à insônia, e no decorrer do dia ter defendido audiências que foram dureza. Nunca vi juízes tão mal humorados e promotores tão estressados, o que me fizera ao fim da tarde ter uma puta dor de cabeça. Tudo o que eu queria era ir para casa e descansar, e chegando à chácara, senti a dor piorar quando fui recepcionado por Carlinhos que veio saltando ao meu pescoço. Eu ofeguei.

— Ei, vai com calma campeão — sorri beijando-o, então o coloquei no chão — O pai está ficando velho. Não dá pra ser recebido assim todo dia —

brinquei bagunçando seus cabelos.

— César? Chegou? — minha mãe se aproximou a cumprimentar-me, e auxiliando com a pasta, seguiu-me para dentro, ouvindo atentamente os relatos sobre as complicações que tive nos processos. Ela percebia que o cansaço havia triplicado, mas ainda assim desejava conversar, impedindo-me de subir para o quarto, conduzindo-me para a sala. — Esta tarde o pai de Carol esteve aqui, você o conheceu?

— O pai da vizinha? Não. O que houve?

Um momento de silêncio seguiu. Carlinhos havia ido buscar seus brinquedos.

— Bem, ele disse-me que não anda gostando que a garota visite nosso quintal com tanta frequência, ou melhor, não tanto quanto antes — uma pausa — Pediu-me para repreendê-la se a visse perambulando por aí.

Senti-me desconfortável com a informação, e imediatamente ajeitei-me na poltrona, desfazendo a gravata e colocando de lado.

— Como é? Mas, o que houve? Ele nunca pareceu se importar. Sem dizer que... como a senhora mesmo disse, Caroline não é uma “garota” e sim uma mulher feita. Ela contou-me (ou ao menos gesticulou) ter vinte e cinco anos, sabia? — sorri.

Minha mãe fitou-me um momento, e sentindo pontadas nas têmporas, eu as massageei.

— Esperava ouvir esta explicação de você — ela me encarou, como se desconfiada de estar havendo algo entre eu e a garota, mas imediatamente franzi o cenho.

— Espere o minuto mãe — umedei os lábios, perplexo — O que a senhora está insinuando? *Céus* — eu me ergui, percebendo Carlinhos retornando — Eu estou no meio de um divórcio. Como a senhora pôde sugerir...

— Oh, desculpe-me César. Foi apenas uma curiosidade — ergueu-se a meu exemplo — É só que o pai dela parecia tão decidido, que foi impossível não pensar que...

— Dane-se o velho mamãe — retruquei sentindo-me cansado. Não bastasse o dia difícil, agora mais essa? — O que ele pensa não é importante, e a filha não me parece do tipo que dá motivos para que pense maldades dela. Eu, acho que o problema aqui é o medo de que Caroline encontre um marido

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Contos Indecentes [Volume 2]: Coleção..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).